



JOGO DOS QUATRO CANTINHOS



O do meio:— Elles lá trocam os cantos entre si e eu não passo d'aqui!...

Gazua e punhal

As falcatruas revelladas no parlamento e na imprensa, desde Ambaca á Panasqueira, demonstram d'uma forma iniludível, que a Nação, de ha tres annos para cá, tem estado a saque por um grupo de *pilhas*; as infâmias da *formiga branca*, trazidas ultimamente a publico, mostram, com o depoimento insuspeito d'um antigo cúmplice da quadrilha, que o Paiz vive á mercê d'um bando de *rufas*.

Não perguntaremos já, como tão platonicamente se tem feito ha longos mezes, se isto pode continuar assim, porque isso seria duvidar do caracter nacional e do brio d'aquelles que tem por dever d'honra defender a Patria dos *perigos externos e internos*.

As quadrilhas do João Brandão e do José do Telhado eram genuinamente portuguezas, e essa circumstancia não impediu que o Paiz exigisse o seu exterminio e punição. Ora por tanto, a repetição do caso, com a aggravante de se pilhar nos cofres publicos em vez de palmar nas estradas, e de se assassinar nas praças publicas da cidade, em vez de matar no Arco das Aguas Livres, não é razão para demorar a Justiça, porque, ser Daniel Brandão e Affonso do Telhado é ser sempre Brandão e Telhado.

Isto são factos e factos, provados. Tão provados como o bando Bonôt; tão provados como as façanhas do pinhal da Azambuja; tão provados como os crimes da Falperra.

E' essa gente republicana? E'. E será assim porque é republicana? Evidentemente que não. O faciosismo partidario nunca nos cegou para affirmar semelhante dislate. Podiam ser republicanos e podiam ser honestos, porque, dentro de qualquer formula politica, desde a mais radical á mais conservadora, cabe de tudo.

Não são *pilhas* e não são *rufas* porque são republicanos. Mas são *pilhas* e são *rufas*, constituindo o mais forte e numeroso grupo republicano. E' d'aqui é que se devem tirar as conclusões.

Excluam esse grupo, capitaneado pelo réu Affonso Costa—grupo que está provado ter por symbolos a *gazua* e o *punhal*;—e digam-nos o que fica? O unionismo? O evolucionismo? Já aqui o dissemos, mas não é demais repetil-o. O primeiro é cúmplice do outro, porque com elle viveu em conchavo, durante tres annos, *justamente durante os tres annos em que mais se roubou e matou*. Viveu com elle em Ambaca, viveu com elle no opio, viveu com elle nas binubas, viveu com elle no predio Grandella, viveu com elle no Rhodam, viveu com elle com Daniel Rodrigues, e com toda a quadrilha da *formiga branca*. Mais ainda. Devido ao seu apoio é que todas essas poucas vergonhas se puderam effectuar.

E se hoje se encontra aparentemente desligado dos democraticos, não é por lhe repugnarem as falcatruas ou os crimes que elles praticaram. Vejam lá se o sr. Brito Camacho já alguma vez, quer na tribuna, quer na imprensa, protestou contra as roubalheiras ou contra os assassinatos! Isso sim! Nem uma palavra; nem uma linha!

Se está n'este momento, desligado, é por conveniencia eleitoral, para fazer o jogo do grupo. Como as *cocottes* que na rua se saracoteiam antes de se alugarem, assim o chefe do Calhariz se pavoneia, flingindo-se de manto de seda para fazer valer a ossada unionista mais algumas candidaturas. Não tenham duvidas. Na primeira oportunidade cae nos braços do réu Affonso Costa, como a prostituta mais descarada nos braços do primeiro bandido que lhe apparece a resfolgar luxuria.

Resta o evolucionismo. D'este ainda recentemente aqui fizemos tambem a analyse. Mesmo que o esburgassemos de todos os seus defeitos, desde a inepecia ao pacovismo, desde o ridiculo á impotencia, seria sufficiente esse mizerrimo grupo para justificar a existencia do regimen? Então esse grupo que

nem força tem para vencer um bando d'aventureiros mesmo que tivesse *numero e qualidade—que não tem—* para governar, era razão para impôr ao Paiz,—para impôr a 6 milhões de habitantes!—o sentir e a vontade contrarios a esse Paiz e a esses 6 milhões de habitantes?

Então isto é possível? Então isto é logico? Então isto é viavel?

Mas vamos aos factos, porque apenas de factos tratamos.

O grupo da *gazua* e do *punhal* o **mais forte e numeroso da republica** ha-de vencer as eleições. Ninguem pode ter duvidas sobre isso porque a burla eleitoral está organizada para que assim succeda.

O Paiz, é claro, abstem-se de entrar na farça porque não pode proceder, n'esta occasião, de maneira diversa. Se assim não fizesse praticaria um crime de leza Patria, porque iria implicitamente tornar-se cúmplice.

O Daniel do Telhado e o Affonso Brandão, portanto, vencem. Vencem... e vão depois ao poder.

Este é o plano; estes são os calculos.

... Ora em face d'este horisonte, não perguntaremos já, como tão platonicamente se tem feito ha longos mezes, se isto pode continuar assim, porque isso seria duvidar do caracter nacional e do brio d'aquelles que tem por dever de honra defender a Patria dos *perigos externos e internos*. Mas isso não nos impede de olharmos com um certo cuidado para a demorada somnolencia da Nação, que certamente ainda não reparou na sua aviltante posição ante o infimo bando da *gazua* e do *punhal*.

Pois bastará que levante um pé...

Vér no proximo numero:

O HYMNO DOS CAVALLEIROS DO RHODAM

MIMOSO ROIZ

Regressou de Sevilha para onde tinha emigrado em abril, por motivo d'um cobardissimo processo politico que lhe haviam instaurado, o nosso querido camarada d'A Nação, Alexandre Mimoso Roiz.

E' com a mais viva satisfação que vemos de novo entre nós nas lides da imprensa monarchica, este nosso valoroso correligionario que á Causa da Patria tem sacrificado o melhor da sua vida e da sua saude, tão abatada hoje pelos dois annos de Penitenciaria que os despotas da republica lhe fizeram sofrer, movidos pela mais vil e baixa das vinganças.

Jornalista dos mais distinctos e caracter de finissima tempera, Mimoso Roiz, pertence ao numero d'aquelles que n'estes quatro annos de luctas contra a tyrannia mais tem affirmado o seu valor e o seu patriotismo.

Com um abraço de muita amizade, *O Thalassa*, saudá-o!

A RECOMPENSA

O sr. dr. Cassiano Neves foi corrido pela *formiga branca*. Ahamos bem... como premio merecido a quem trocou uma situação respeitada por uma adhesivagem suja.

Ponham aqui os olhos illustres *neutraes*...

NA POSIÇÃO NATURAL

Um *formiga* qualquer das encommendas postaes pôz-se na *posição natural* e atirou-nos uma parelha de coices a proposito d'uma local do nosso ultimo numero, intitulada *Nos dominios do Rhodam*.

Ora é claro que as *formigas* ferraduras nem ao de leve nos roçaram. De resto, o asqueroso e repelente bicho, errou o alvo, porque, o nosso camarada visado tem mais que fazer do que entreter-se com sicarios d'esse jaez.

Registamos, porem, a parelha, e quem sabe se ainda um dia, no futuro, não terá que vir implorar...

Coitados, no fim de contas, tudo aquillo é miseria material e moral.

Quadros da minha terra

(5.º QUADRO)

Os annos da Néné

I

Era o dia dos annos da Néné.

O sr. senador convidava sempre n'esse dia os «intimos», como elle dizia, para uma festinha confortavel, com peru recheado, ao jantar, e bolos de ovos, ao chá.

Desde a vespera que aquelle terceiro andar da varanda corrida, da rua da Proccissão, se alvoroçava todo em preparações festivas para solemnizar o dia em que a Néné viera ao mundo.

O sr. senador pedia sempre tres dias de licença no senado, por essa epoca: o primeiro para preparar, o segundo para gosar e o terceiro para descansar.

Logo ás 6 horas tocava a alvorada geral. O sr. senador, em chinellos bordados, barrete de setim preto e guarda-pó de linho escuro, percorria todas as dependencias caseiras, desde a cosinha, onde beliscava a Marianna n'uma carícia bréjeira, até á sala de visitas, onde, n'uma inclinação magestática, cumprimentava, todas as vezes em respeitosa homenagem, uma «leographia do sr. Affonso Costa, mascarado de marquez de Pombal, de quem era devotado admirador.

O almoço, n'esse dia, era frugal e, enquanto a D. Natividade, esposa virtuosa e gorda do sr. senador, servia em redor uma assorda dura, com rodinhas de choçrigo, a Néné, cheia de papoletos multicóres que lhe preparavam o crespão penteado — causa permanente de inveja das suas primas Costas — contemplava, n'um jubilo intimo, as pratas ainda mal limpas de cre, que em fila se ostentavam sobre o aparador fronteiro.

Ao meio dia chegou um ramo enorme de rosas e malmequeres, com um bilhete verde-claro, «desejando á menina pequenina mil felicidades no mar e na terra, por muitos annos o bons». Era das Felix. A Néné córou levemente e murmurou um «estupidas», em que lhe ia toda a alma, n'um desabafo contra aquella insinuação directa aos seus apaixonados: «no mar o em terra». — «Estupidas e invejosas estas Felix» — repelia a Néné pondo as almofadinhas postigas nas ancas descahidas, deante do espelho grande do seu quarto.



Começou a chegar gente. N'uma alluvião de beijos e parabens iam depondo nas mãos da festejada, pequenos embrulhos envoltos em papel de seda atados com fitilho estreito. «Eram insignificantes lembranças que a Nénéinha desculparia: e como estava linda: e que bem cheirava!» A Néné explicava que tinha sido de um sabonete que o Alvarinho — o mano — lhe trouxera

de Badajoz. Todos então queriam lavar as mãos: refrescaram-se; e invadiam o seu quarto acanhado, onde, em artistica disposição, ornavam as paredes bilhetes postaes illustrados e photographias, alternados com marcas baratas de *cotillon*, de-tacando-se no meio de tudo uma vassoura grande, com um laço encarnado e verde, dizendo em letras de oleo amarelo «Souvenir de Pedrouços — Cotillon».

— Oh filha, das-me licença que vá ao pó de arroz, não é verdade? — e besuntavam-se todas, n'um alarido de risos e ditinhos.

Na sala, o sr. senador, conversava com os homens, discutindo a navegação. As senhoras já refrescadas e empoadas, entraram. Muitos cumprimentos, muitos apertos de mão, novos risinhos, afofando-se nas cadeiras largas de coberturas brancas. Folhearam distrahadamente os albums e illustrações dispersas sobre a mesa redonda, onde, n'um jarro, resplandecia triumphante o ramo das Felix.

Bateram. Quem seria?

— Pelo bater deve ser o sr. Rodrigues — apostou a Néné.

— Nada, o Rodrigues tem um bater mais duro — ponderou o sr. senador.

A Marianna appareceu á porta muito arregaçada: «era um homem que *preguntava* se alli é que se faziam empréstimos».

— Não senhor, — berrou o sr. senador córando, — isso é engano.

Bateram de novo.

— Agora é que deve ser o sr. Rodrigues — affirmou a D. Natividade.

Não era ainda. A tia Conceição entrou muito empertigada no seu vestido beje-claro com laçarotes roxos. «Tambem trazia uma lembrançasinha á Néné: uma insignificancia, é claro, porque não era rica; mas coisa util. E ajojou-a com um enorme embrulho. Todos se levantaram curiosos. O que seria?! O sr. senador agradeceu á mana Conceição, o incommodo.

Era uma colcha de *crochet* em palmas grandes unidas por pequenas rosetas em relevo. Desdobraram-n'a embevecidos na obra da tia Conceição: era para cama de casados. A Néné córou: o sr. senador tossiu: e as manas Pimentas acotovellaram se n'uma troça de inveja intima.

Começou a escurecer. A D. Natividade foi vér se estava tudo a postos. O sr. Baptista chegou.

Era um homem baixo, apertado n'uma sobrecasaca antiga. Usava lunetas com cordão e gravata encarnada de laço extravagante. Fallava muito, berrando sempre contra «as barbaras iniquidades do despotismo dominante». Era escriptuario de uma repartição e redactor da *Voz Triumphant*, jornal anarchista-conservador (como elle affirmava) que se publicava aos domingos, de tarde.

A D. Natividade annunciou que o jantar estava prompto; era só querecem na mesa. Mas o Alvarinho ainda não tinha vindo. Esperaram: e o Alvarinho chegou, como sempre muito apurado no seu frack claro e grandes collarinhos. Usava monocolo e recitava com muito mimo, *O melro*.

(Continúa.)

O ARCHOTE

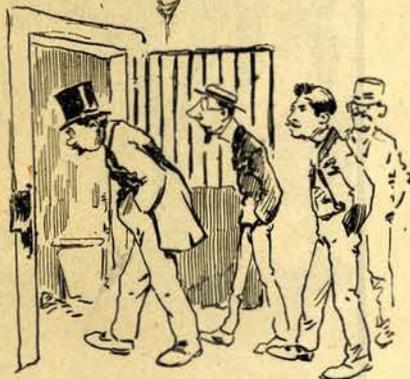
O sr. Antonio José d'Almeida diz que vae empunhar o archote para inflamar a alma das multidões. —
Sae *mijarete* com certeza.

A Monarchia para breve...

Os seus trabalhos preliminares

A Monarchia, assim que fór restaurada lem de empregar os seus primeiros esforços em alguns urgentissimos trabalhos preliminares, antes de se dedicar aos graves e importantes problemas nacionaes. O Thalassa, no intuito de facilitar essa tarefa, registará n'esta secção o que a Monarchia tem a fazer logo d'entrada para purificar o ambiente...

V



Pôr á «sombra» alguns «cavalheiros» que andam indevidamente ao sol.

FRATERNIDADE FAMILIAR

O sr. Alexandre Braga, da Panasqueira, foi ha dias procurado por um tio, velho e doente, que lhe pediu uma esmola. E vae o fraternal sobrinho, corre com o pobre homem, dando-lhe, ainda por cima, uma descompostura.

Não admira. Já o outro deitava a mãe pela escada abaixo. Tudo boa gente.

BEIJOS DE MÃE...

No domingo trocaram-se mais beijos de mãe entre evolucionistas e democraticos. Só se perderam os que cahiram no chão.

Viva a *fraternidade!*

A QUI D'EL-REI!...



O THALASSA: — Avie-se sr. ofícial da ronda, olhe que dão cabo da Patria ali no largo da Pouca Vergonha!



1.º — **Damião Augusto da Cunha.** — Natural do Porto. Estudante. Preso em setembro de 1911. Após 6 meses de presidio, no Forte do Alto do Duque em Lisboa, deu baixa ao Hospital da Estrella d'onde se evadiu com a sentinella indo alistar-se nas hostes de Paiva Goncçairo em Hespanha. Entrou no combate de Chaves onde ficou ferido e preso, sendo condemnado pelo tribunal marcial a 15 annos de prisão maior cellular. Posto em liberdade por effeito do chamado decreto d'amnistia em fevereiro de 1914.

2.º — **Julio Gonçalo da Costa.** — Amanuense da Camara Municipal do Porto, preso n'aquella cidade em setembro de 1911, transitou para o Forte do Alto Duque, em Lisboa, a bordo do *Admaslor*. Durante o percurso foi injuriado, espancado e escarrado, soffrendo — com mais cento e tantos companheiros — os maiores martyrios. Foi posto em liber-

dade por accordão de despronuncia em 25 de fevereiro de 1912. Esteve preso durante 5 mezes.

3.º — **Antonio Guedes Pinto Cerdeira.** — De Barcellos. Empregado commercial. Foi preso a 30 de setembro de 1911 e conduzido a bordo do *Admaslor*, para o Forte do Alto do Duque, d'onde transitou para o Limoeiro e mais tarde para a cadeia do Porto. Após 1 anno de prisão, foi julgado e absolvido por falta de provas.

4.º — **Manuel Ferreira.** — Do Porto. Preso no Circulo Catholico d'aquella cidade em 29 de setembro de 1911. Do Porto seguiu a bordo do *Admaslor* para a Torre de S. Julião da Barra onde esteve 40 dias incommnicavel. Ao fim de 75 dias foi removido para o Porto, d'onde tornou para Lisboa, dando entrada no Forte do Alto do Duque. Sofreu 149 dias de prisão.



A reunião do partido republicano português, no theatro do Principe Real, foi presidida pelo Restabao. Calcule-se o valor do resto.

Alistou-se no partido democratico, o talentoso poeta e mimoso inspector d'impostos nas verdejantes margens do Liz, antigo *leixista*, que ainda ha pouco offerencia a sua protecção... para quando voltasse a monarchia.

Fazem-se as melhores referencias ao poema epico em que o iniciado, em formosos alexandrinos, descreve a heroica jornada da grey de Ambaca a Panasqueira, e que saira a luz com o suggestivo titulo de *Maniganciadas*.

Do ultimo canto do poema, a que serve de argumento a surpreendente proesa da contribuição de registo do predio de Bemfica, dizem-nos maravilhas, o que aliaz era de esperar, attendendo a especial competencia do auctor.

... E tudo por medo de uma contra-syndicancia!

O deputado Alexandre Braga disse que a Constituição foi escripta para ser interpretada por homens de honra e brio politico. *Verbi gratia*... o illustre preopinante.

João Brandão, José do Thelhado, Diogo Alves e Mattos Lobo, não serão amistiados, por enquanto; ainda não estão em circumstancias pecuniarias que re istam ás exigencias de advogados .. de cotação.

D. Bernardino II tambem quiz prender para ministro o governador do Banco Hypothecario.

Mas, com franqueza, isto não está ja tudo hypothecado?

O Marquez de Soveral foi hospede dos Reis de Inglaterra, no Castello de Windsor, durante o periodo das corridas de Ascot, e no trajecto do Castello para o campo onde ellas se realisavam tinha lugar em uma das primeiras carruagens a grande Daumont que compunham o cortejo real, com os embaixadores da Austria e da Russia.

O grande diplomata Teixeira Gomes, para se desferrar, foi hospedar-se em um dos melhores hoteis da rua dos Bacalhoeiros de Londres, e deixou de andar a pé para andar todo repimpado nos *Chóras* da capital do Reino Unido.

Agora sim! Agora é que se pode ser representante de Portugal lá fóra.

No Porto, á falta de logares nos hospitaes, são os doentes pobres recolhidos no Aljube!

Prisões a servirem de enfermarias e de manicômios, sem medicos e sem medicamentos!

... Tenha a *Assistencia publica* dois dedicados republicanos nos bem remunerados logares de director geral e de provedor, que o resto são cousas minimas.

O sr. Bernardino Machado nunca existiu

Grande successo!

Tendo-se exgotado por completo a 1.^a edição do recente folheto de *Crispim*: **O sr. Bernardino Machado nunca existiu**, mandámos já fazer 2.^a edição para attendermos os innumerados pedidos que todos os dias chegam.

O apreciado trabalho cuja appareição constituiu um verdadeiro successo politico e litterario, **continua á venda nas principaes livrarias e tabacarias**, não sendo augmentado o seu preço, apesar das despezas excepcionaes da reimpressão.

Bernardino na Historia — Bernardino na Politica — Bernardino na Cordealidade — Formação impessoal do Bernardinismo, são os titulos dos quatro primorosos capitulos em que *Crispim* synthetizou o mais sensacional trabalho humoristico dos ultimos tempos, sendo esta 2.^a edição ampliada com **uma nota muito interessante** que será mais um argumento esmagador provando que *O sr. Bernardino Machado nunca existiu*.

Preço 100 réis — Pelo correio 120 réis.

Deposito: Redacção d'O Thalassa, rua da Rosa, 162, 1.^o, Lisboa.

« A RESTAURAÇÃO »

Intitula-se assim um novo diario da noite que appareceu na passada segunda-feira, dirigido pelo sr. Homem Christo, filho. Affirma-se monarchico e é quanto basta para saudarmos affectuosamente o nosso collega, esperando que da sua conducta só haja razões para sempre o podermos considerar como um util camarada para a Causa da Patria.

Homenagem a Moreira d'Almeida

Pelas razões apontadas pelos illustres subscriptores, justificando a demora da entrega nos prazos marcados, inserimos hoje devidamente autorisados pela Comissão promotora da Homenagem a Moreira d'Almeida, as seguintes listas. Avisamos porem mais uma vez que nenhuma lista mais será aceite, visto a subscrição para o tinteiro se encontrar definitivamente encerrada desde o dia 5 de junho.

Importancias recebidas até 19 de junho.	1:625\$770
Lista n.º 51.	10\$000
Lista n.º 52.	16\$000
Lista n.º 53.	14\$000
Marquez d'Avila	10\$000

Total geral réis. 1:675\$770

Lista n.º 51 — Um grupo de admiradores de Moreira d'Almeida, na Ilha de S. Miguel, 10\$000 réis.

Lista n.º 52 — Arthur Carvalho da Silva, 6\$000; Carlos Francisco Ribeiro Ferreira, 5\$000; José Maria Dias Ferrão, 5\$000. — Total 16\$000 réis.

Lista n.º 53. — Ernesto Casimiro Godinho, 100; Alfredo P. Marques, 1\$000; Francisco Duarte, 500; Carlos Pereira, 500; José Rocha, 500; A. Braga, 500; Francisco Mendes, 300; Jos: Malta Gama, 500; Carlos Rodrigues, 40; José Braz, 1\$000; Fernando da Silva, 500; A. M., 500; M., 500; Carlos Alv's, 500; Nunes da Silva, 500; Pedro P. de Mello Junior, 500; Maximiano Vianna Abranches, 100; P., 100; Guilherme dos Santos, 200; A. Cardoso, 500; P. G. G. C., 500; A. O. T., 500; R., 500; J. M., 500; A. B. C., 500; Fernando Antunes da Rocha, 500; Conde P., 500; Luiz Rezende, 500; A. das Neves Carneiro, 500; J. Campos, 500; Eduardo Alfredo, 260. — Total 14\$000 réis.

O tinteiro d'homenagem a Moreira d'Almeida que está sendo executado por um dos mais afamados joalheiros portugueses, deve ficar concluido no proximo mez de setembro. Logo que esteja prompto, publicaremos a sua photographia.

A MORTE DO MAU LADRÃO

A absoluta falta de espaço, ainda hoje não nos permitta que façamos a este precioso trabalho de Gomes Leal a referencia merecida.

Já agora irá para a semana.

Usem a Agua do Mouchão da Povoia
No tratamento das doenças de pelle.

THEATROS

COLYSEU DOS RECREIOS — Não ha que ver: o illustre empresario do Colyseu dos Recreios, o nosso amigo sr. Comendador Antonio Santos, decidiu-se a assignar no theatro portuguez uma epocha inextinguivel de arte, e conseguiu o plenamente. A deslumbrante companhia Caramba cujos espectaculos tem feito o maior successo dos ultimos tempos, é sem duvida e por si só um acontecimento artistico superior e justifica bem o entusiasmo despertado no publico que não se cansa de a applaudir, enchendo todas as noites o magestoso circo das Portas de Santo Antão.

Para muito breve annunciam-se novas estreias em que figuram as melhores operetas do theatro moderno.

O espectaculo de hoje, para festa artistica do notavel tenor Pasquini é todo de sensação.

Animatographos

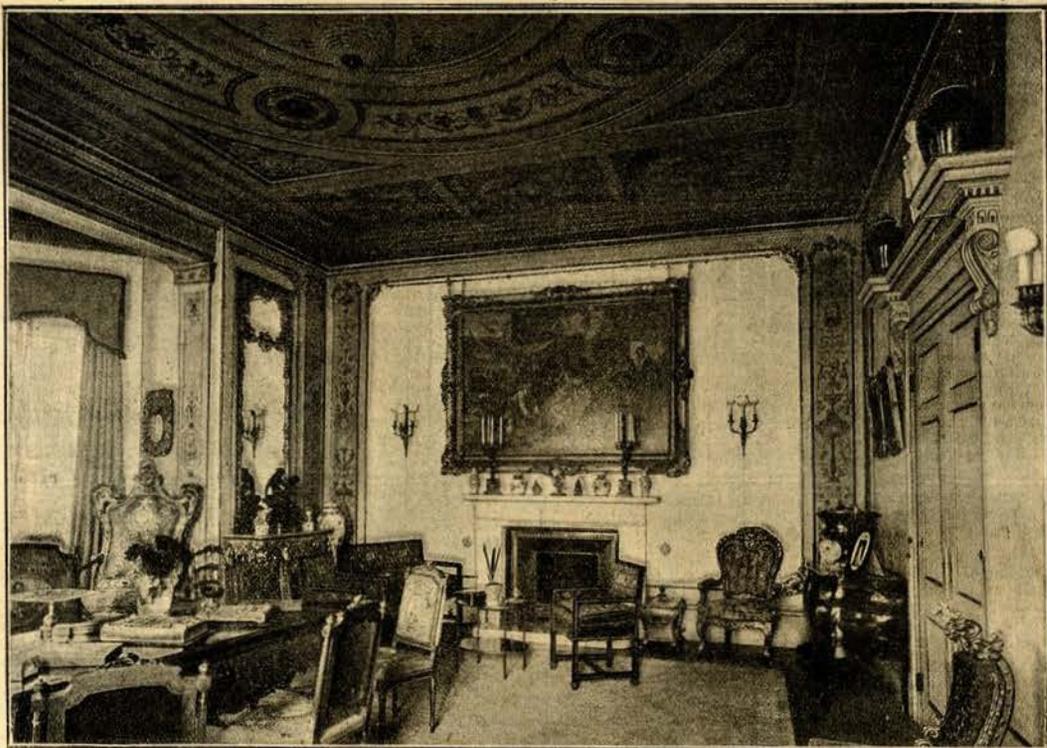
Os melhores e melhor frequentados:

Terrasse — Rua Antonio Maria Cardoso — Olympia — Rua dos Condes — Salão da Trindade — Rua da Trindade — Central — Praça dos Restauradores.

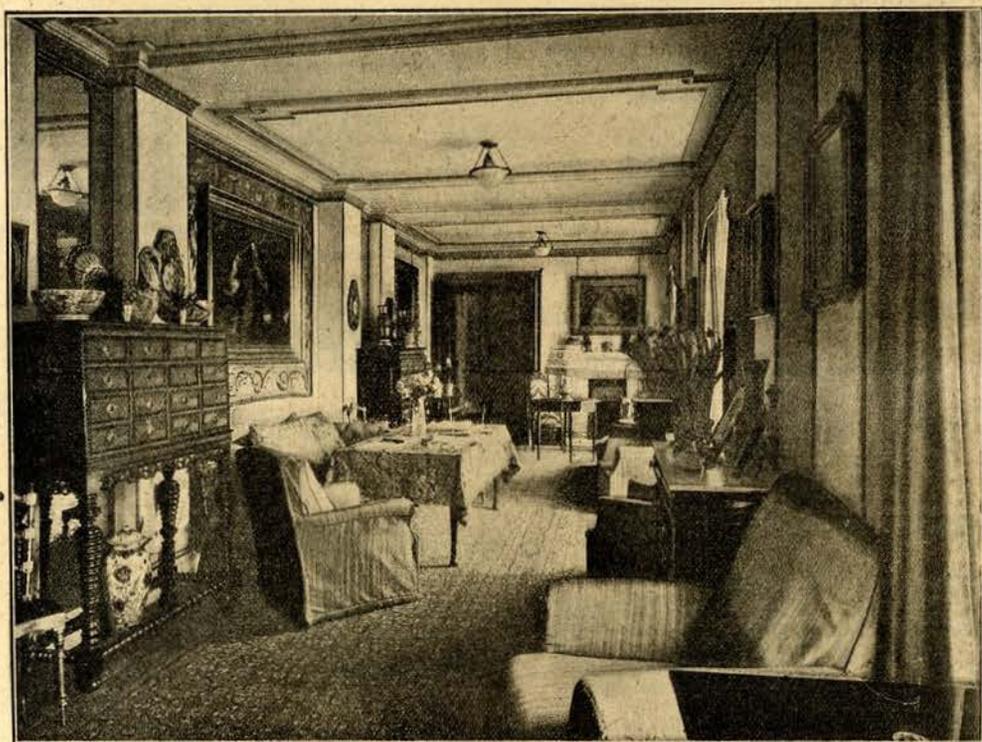
EL-REI NO EXILIO

III

Palacio de Fulwel Park



Galeria onde SS. Magestades passam os serões e onde recebem ás segundas feiras a Colonia Portugueza



Um aspecto da sala de recepção